

Escolhas lexicais em manchetes de jornais *online* em casos de Femicídio

Lexical choices in online newspaper headlines in cases of femicide

Carlene Ferreira Nunes Salvador¹

Ketelly Rafaelly Bastos Brasil²

Davi Pereira de Souza³

Resumo: O objetivo deste artigo consiste em realizar o levantamento de manchetes veiculadas em jornais *online* que noticiam casos de femicídio com o intuito de verificar se as escolhas lexicais feitas pelos articulistas de tais periódicos implicam na culpabilidade da vítima ou na amenização dos fatos narrados. Para isso, o arcabouço teórico adotado inclui Biderman (1987; 1998), Zavaglia (2006), Krieger (2006; 2014) e Aragão (2016; 2020), no que concerne ao léxico; Marcuschi (2008) e a funcionalidade do gênero; Radford e Russell (1992) acerca do femicídio; Recuero (2009) sobre os elementos das redes sociais na internet; Debord (2003) a respeito da espetacularização do ambiente virtual; e Lévy (1996; 1999) no tratamento do discurso veiculado em ambiente virtual e o processo de virtualização e cultura do ciberespaço. A metodologia adotada representa, quanto ao objetivo, um caso de pesquisa exploratória em perspectiva documental conforme Appolinário (2009), e a amostra constituída foi extraída, por

¹ Doutora pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Docente do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA. E-mail: carlene.salvador77@gmail.com.

² Graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. E-mail: rafaellybrasil6@gmail.com.

³ Mestre em Letras Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará. Professor Substituto da Universidade do Estado do Pará- UEPA. E-mail: davips312@gmail.com.

meio de capturas de tela, de manchetes de jornais *online* veiculadas entre os meses de abril e junho de 2019. Os resultados alcançados mostram um total de 23 manchetes, as quais evidenciam parte do processo de construção discursiva adotada por articulistas dos veículos de comunicação sob análise. O processo de análise demonstra que, nos casos coletados, as escolhas lexicais produzem como efeito de sentido a diminuição da culpa masculina em razão da exposição das mulheres que passaram por esse processo fatal.

Palavras-chave: Escolha lexical; Manchete de jornal; Ambiente virtual. Femicídio.

Abstract: *The purpose of this article is to survey the headlines published in online newspapers that report cases of femicide in order to verify whether the lexical choices made by the writers of such journals imply the victim's guilt or in easing the narrated facts. For this, the adopted theoretical framework includes Biderman (1987; 1998), Zavaglia (2006), Krieger (2006; 2014) and Aragão (2016; 2020) with regard to the lexicon; Marcuschi (2008) and the functionality of the genre; Radford and Russell (1992) about femicide; Recuero (2009) on the elements of social networks on the internet; Debord (2003) about the spectacularization conveyed in the virtual environment and Lévy (1996; 1999) in the treatment of the discourse conveyed in the virtual environment and the process of virtualization and cyberspace culture. The methodology adopted represents, as far as the objective is concerned, an exploratory research case in documentary perspective Appolinário (2009), and the constituted sample was extracted, through screen capture, from the headlines of online newspaper published between April and June 2019. The results achieved show a total of 23 headlines, which show part of the process of discursive construction adopted by writers of the media under analysis. The ongoing analysis process shows that, in the cases collected, the lexical choices provide a decrease in male guilt due to the exposure of women who have gone through this fatal process.*

Keywords: *Lexical choice; Newspaper headline; Virtual environment; Femicide.*

Introdução

Em seu célebre poema *Romance das palavras aéreas*, Cecília Meireles (2005) desnuda as contradições da palavra e reconhece a estranha potência que este signo verbal possui, ao dizer que “Todo o sentido da vida principia à vossa porta”. A palavra, portanto, é prenhe de significação, sempre na expectativa de ser atualizada no discurso para produzir seus efeitos de sentido. Com ela, pode-se descrever os fatos do cotidiano, estabelecer diálogos, falar sobre mundos possíveis, mas também falsear a realidade ou mascarar-la conforme a finalidade comunicativa estabelecida na interação verbal, como o caso de manchetes que, muitas vezes, optam por determinados itens lexicais que implicam juízo de valor em relação à notícia veiculada, como faz a maioria das manchetes analisadas neste trabalho, que preferem tratar como *homem* o

sujeito *assassino* responsável pelo feminicídio cujas pesquisas demonstram aumento, em plena pandemia, no número de mortes de mulheres brasileiras, vítimas da violência doméstica, sendo a maioria constituída de negras⁴.

Não é raro, no Brasil, manchetes que, ao anunciarem a detenção de jovens pegos com droga ilícita, apresentarem seleção lexical distinta a depender do fenótipo do jovem ou de sua condição social, referindo-se ao negro como traficante e ao branco, geralmente de classe alta, como usuário de drogas ou estudante. Outro caso ilustrativo refere-se ao jovem de 22 anos, Pedro Krambeck, que ficou conhecido recentemente ao ser picado por uma serpente naja, em Brasília. Embora ele possa ser considerado criminoso, a grande maioria dos veículos de comunicação o tratou apenas como estudante. Todavia, vale ressaltar, não falamos por signos isolados, mas por meio de textos que se organizam em gêneros discursivos emanados do interior das esferas de atividade humana.

Assim, em ambiente digital, o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico, referente à interpretação que é dada pelo leitor, pelas suas atualizações pessoais. Os caminhos dos textos mantêm virtualmente uma correspondência, que o próprio leitor remodela independente das instruções do autor, criando, assim, um hipertexto pessoal, já que estabelece relação com outros textos, outros discursos, as imagens, os afetos, oferecendo-lhe um sentido e interpretação próprios.

Nesse contexto, todo e qualquer registro se configura como discurso e possui, assim, um mecanismo ideológico próprio, um funcionamento subjetivo. Compreender esse funcionamento, conhecer as operações discursivas por meio das quais o jornalismo atribui sentido aos fatos da atualidade é relevante para a constatação de como os meios de comunicação produzem uma ideia de história e como, na mesma construção, constituem-se no lugar social. A respeito disso, a informação na internet passou a ser a satisfação das demandas de informação e serviço, facilitada pelo alcance global e potencial.

⁴ O estudo é uma iniciativa do portal G1 em parceria com o Núcleo de Estudos da Violência da USP e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/09/femicidio-2020-mulheres-negras/>.

O jornalismo viabiliza a formulação de uma ideia de história não só por indicar fatos que podem tornar-se memoráveis no futuro – isto é, aqueles que teriam relevância histórica –, mas também por promover recortes “objetivos” do seu tempo. Todavia, é sabido que nenhum registro é ingênuo ou descomprometido. Nenhum registro apenas registra. Todo ele pressupõe o trabalho da linguagem ou uma tomada de posição dos sujeitos sociais. Por isso, a necessidade de analisar as escolhas lexicais, já que a linguagem e sua construção estão a serviço da produção de sentido, nas interações verbais, não podendo estar plenamente dissociadas das relações sócio-históricas, culturais e ideológicas nas quais se inscrevem os sujeitos.

Nesse sentido, este artigo está organizado em seções sequenciais. O primeiro tópico é este texto introdutório. Em seguida, reserva-se uma seção para tratar do léxico. Adiante, uma seção sobre os *Gêneros textuais* amparada nos princípios bakhtinianos, assim como se explana sobre os gêneros emergentes e as relações materializadas em suporte digital. Na terceira seção, descreve-se a *Metodologia* utilizada para a constituição da amostra sob análise. A quarta seção é dedicada à *Apresentação dos resultados*.

Léxico

O léxico de uma língua natural é um dos seus componentes mais complexos e diversificados em termos de estrutura, formas e usos. Segundo Seabra (2006), o componente lexical de uma língua constitui o seu nível mais aberto, dinâmico e sensível à vida social da comunidade linguística. Não há, portanto, apenas uma forma válida para a definição do termo léxico, pois, a depender da abordagem teórica e muitas vezes do autor considerado, a literatura da área pode exibir conceitos distintos que demarcam, em geral, diferentes pontos de vista sobre o objeto de estudo.

Tradicionalmente, o léxico pode ser definido como o conjunto de palavras de uma língua (KRIEGER, 2006), sendo a noção de palavra aqui compreendida como lexema, isto é, unidade abstrata e de natureza virtual que permite representar formalmente as ocorrências lexicais.

Já para a Lexicologia, disciplina linguística cujo objeto é o léxico, este é entendido no seu sentido mais amplo, incluindo neologismos, arcaísmos e

fraseologismos (ARAGÃO, 2016), unidades que não receberam tratamento neste artigo.

Ao refletirem sobre o papel crucial do léxico no processo de nomeação e apreensão da realidade, Biderman (1987) e Zavaglia (2006) o consideram uma forma de registrar o conhecimento produzido no mundo, e Biderman (1998) o associa a patrimônio cultural herdado.

Por sua vez, Krieger (2014, p. 325), ao reconhecer o caráter multifacetado do componente lexical, observa que o

(...) léxico funciona como o pulmão das línguas vivas de cultura, evidenciando que é um conjunto aberto que se renova, em especial, pelo seu papel de nomear o que surge de novo, o que a ciência descobre e os artefatos que a tecnologia produz. Igualmente, a renovação lexical atende às condições necessárias de comunicação verbal de diferentes gerações, das especialidades profissionais, de grupos sociais distintos entre tantas outras possibilidades. Toda essa diversidade constitutiva está, pois, relacionada a aspectos diacrônicos, diatópicos, de estratos sociais, de níveis de fala.

Pode-se dizer, pois, baseado no trecho acima, que o léxico perpassa todo o tecido social em suas inúmeras situações de uso, corroborando a perspectiva de Aragão (2020, p. 69), segundo a qual “toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico.”

Desse modo, para compreender o ser humano em sua complexidade cultural e sócio-histórica, suas ideologias e contradições, é imprescindível que se dê atenção especial aos estudos da linguagem, principalmente aos de natureza lexical, como este que aqui se apresenta cuja temática sobre feminicídio é tratada sob a perspectiva lexical e discursiva.

Gêneros textuais

As atividades comunicativas humanas não acontecem por meio de termos simples, de modo isolado. O encadeamento linear de determinados itens lexicais, organizados sistematicamente na cadeia sintagmática, possibilita a elaboração da tessitura dos textos que circulam nas diferentes esferas cotidianas. Nesse contexto, são construídos textos que, para além de sua função linguística, refletem aspectos históricos, sociais e ideológicos.

Para Bakhtin (1997), a questão da linguagem está intimamente ligada aos infinitos gêneros que circulam no dia a dia e que por seu caráter histórico refletem hábitos e costumes de determinadas comunidades linguísticas. Nas palavras do autor

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana (...) A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas (...) cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso". (BAKHTIN, 1997, p. 290)

Os gêneros, para o filósofo russo, estabilizam as relações cotidianas, são formas-padrão 'relativamente estáveis' de um enunciado, determinados sócio-historicamente. Assim, "Os gêneros estão no dia-a-dia dos sujeitos falantes, os quais possuem um infindável repertório de gêneros, muitas vezes usados inconscientemente. Até nas conversas mais informais, por exemplo, o discurso é moldado pelo gênero em uso" (BAKHTIN, 1997, p. 282).

Como são elementos reguladores da comunicação diária, os gêneros emergem das diferentes esferas de comunicação, inclusive daquelas que são oriundas do ambiente virtual, como declara Lévy (1996). É importante ressaltar, ainda, sobre a atemporalidade do termo *virtual* defendida pelo filósofo francês, para quem o virtual engloba "toda entidade "desterritorializada", capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular " (LÉVY, 1999, p. 47).

E a sociedade, antes movida pelo trabalho, hoje se movimenta na lógica da ação global do cenário virtual, ou o ciberespaço, que evidencia os fatos das relações privadas. Nessas condições, as atitudes da massa condicionam um "espetáculo", como afirma Debord (2003, p. 18) "Na forma do indispensável adorno dos objetos hoje produzidos, na forma da exposição geral da racionalidade dos sistemas, e na forma de setor econômico avançado que

modela diretamente uma multidão crescente de imagens-objetos, o espetáculo é a *principal produção* da sociedade atual."

Pensando nessas ações, é importante definir os elementos que compõem esse espaço para que se possa entender como essa dinâmica de interação ocorre.

Segundo Recuero (2009), o primeiro elemento são os atores sociais, que dão forma a essa estrutura e constroem, de maneira individualizada, as interações desse espaço. Ademais, segundo a pesquisadora, um outro ponto fundamental é saber sobre as conexões, visto que são suas oscilações que determinam as interações que deixam "rastros sociais". A partir do momento em que se analisa uma sociedade pautada na interconexão, é necessário fazer uma delimitação em relação ao tratamento do fenômeno, pois evidencia-se uma infinidade de possibilidades de estudos. Em face das interações oriundas do ambiente digital, Marcuschi (2008, p. 199) elenca alguns dos *gêneros emergentes* mais conhecidos, são eles: "[...] o *blog*, o *e-mail*, os *sites* de relacionamentos, como *Orkut*, *Facebook* e os programas de envio de mensagens instantâneas, do *Messenger-MSN* e de variados *chats*, por exemplo."

Complementa o autor:

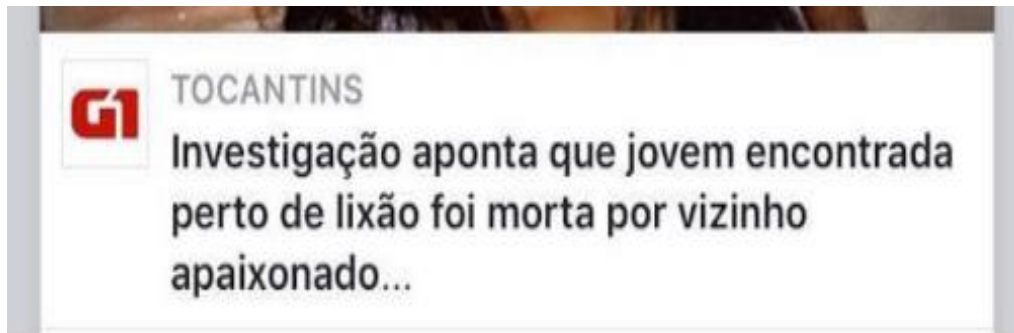
[...] são gêneros em franco desenvolvimento e fase de fixação com o uso cada vez mais generalizado; Apresentam peculiaridades formais próprias, não obstante terem contraparte em gêneros prévios; Oferecem a possibilidade de se rever alguns conceitos tradicionais a respeito da textualidade; Mudam sensivelmente nossa relação com a oralidade e a escrita, o que nos obriga a repensá-la. (MARCUSCHI, 2008, p. 200).

Dentro do domínio do suporte maior que é o Jornal, as manchetes originárias de postagens em jornais digitais apresentam, assim como no seu congêneres impresso, a característica de ser informativa e, dentro dessa perspectiva, tem uma apresentação específica, pois tem a função de atrair o leitor para que se faça a leitura daquilo que figura no limite de suas páginas. Nesse contexto, as escolhas lexicais adequadas influenciam no êxito ou não da mensagem a ser transmitida.

Para a realização deste artigo, foi eleito o processo de escolhas lexicais que podem, em suas instâncias, amenizar a culpabilidade dos criminosos nos

casos de feminicídios ou relativizar as causas de atos contra a mulher. Para exemplificar essa relação, observa-se o exemplo ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Manchete 1



Fonte: Extraída do Portal G1-Tocantins. Acesso em 16 de março de 2019.

A manchete veiculada no Portal G1 apresenta a seguinte constituição: *Investigação aponta que jovem encontrada perto de lixão foi morta pelo vizinho apaixonado...* Apesar do jogo irônico estabelecido, percebe-se na mensagem a amenização da culpa pelo ato ilícito cometido, uma vez que a opção pelo item lexical *apaixonado* pode causar, em alguns leitores, a noção de que se pode tudo por amor, inclusive cometer um homicídio, mais especificamente, um feminicídio. As construções, aparentemente simples, implicam na banalização do crime e eximem os agressores de sofrer as sanções da lei em face da verdadeira culpa pelo ato cometido. Se nesse processo de escolhas, o articulista do jornal tivesse optado pelo item lexical *alucinado*, por exemplo, ou pela reformulação do tópico em *Jovem encontrada perto de lixão foi morta pelo vizinho que nutria por ela uma paixão doentia*, a anuência dos leitores, provavelmente, não seria a mesma, pois se fosse possível eleger um *continuum* de aspecto positivo e negativo, ter-se-ia a seguinte gradação: (+) apaixonado e (-) alucinado.

A análise das demais manchetes está mais bem detalhada na seção referente aos resultados. A seguir, um breve apanhado sobre o feminicídio.

Femicídio

Os casos de homicídios retratados desde o Velho Testamento, com o caso de Caim e Abel, fratricídio, fazem parte do próprio decorrer da história humana. Quando o delito ocorre contra a vida de uma mulher, recebe o nome de feminicídio. Em sentido restrito, trata-se de um homicídio doloso exercido

contra a mulher, concretizado por agressões físicas e psicológicas. Sobre a sua definição, o feminicídio pode ser entendido também como uma morte pensada e violenta contra mulheres devido ao seu sexo, ou seja, pelo fato de serem mulheres (RADFORD; RUSSELL, 1992, p. 02).

Dados oficiais⁵ mostram que a cada 46min uma mulher é assassinada no Brasil. Em uma tentativa de prevenir mais casos, foi criada a Lei 13.104/15 e, a partir dela, passaram a existir categorias relacionadas a esse tipo de crime:

Tipos de feminicídio

A Lei do Femicídio não enquadra, indiscriminadamente, qualquer assassinato de mulheres como um ato de feminicídio.

O desconhecimento do conteúdo da lei levou diversos setores, principalmente os mais conservadores, a questionarem a necessidade de sua implementação. Devemos ter em mente que a lei somente aplica-se nos casos descritos a seguir:

Violência doméstica ou familiar: quando o crime resulta da violência doméstica ou é praticado junto a ela, ou seja, quando o homicida é um familiar da vítima ou já manteve algum tipo de laço afetivo com ela. Esse tipo de feminicídio é o mais comum no Brasil, ao contrário de outros países da América Latina, em que a violência contra a mulher é praticada, comumente, por desconhecidos, geralmente com a presença de violência sexual.

Menosprezo ou discriminação contra a condição da mulher: quando o crime resulta da discriminação de gênero, manifestada pela misoginia e pela objetificação da mulher.

Quando o assassinato de uma mulher é decorrente, por exemplo, de latrocínio (roubo seguido de morte) ou de uma briga simples entre desconhecidos ou é praticado por outra mulher, não há a configuração de feminicídio. O feminicídio somente qualificará um homicídio nos casos descritos nos tópicos acima (BRASIL. Lei 13.104, de 9 de março de 2015).

Apesar de haver uma lei que regulamenta o crime de feminicídio, nem sempre a sociedade aceita que a figura feminina ou o comportamento da

⁵ Para maiores informações consultar o sítio: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/femicidio.html>.

mulher não seja a 'causa' motivadora do delito. Essa constatação se reflete em algumas manchetes de jornais, tais quais as elencadas neste artigo. Ao longo das demais seções mostraremos esse processo de escolhas.

Metodologia

A pesquisa ora descrita apresenta abordagem qualitativa, onde o *lócus* é a internet. Os dados recolhidos foram selecionados a partir de buscas simples em cinco periódicos que têm suas páginas vinculadas à rede social *Facebook*, são eles: *Artemis*, *Balanço Geral*, *Cidade Alerta*, *Diário Online* e *Portal G1 Tocantins*. A procura se deu em função de manchetes que noticiavam casos de feminicídios, que provocam a culpabilidade da vítima por meio de escolhas lexicais difusas, mal construídas. Nesse sentido, a escolha pela pesquisa qualitativa se deu em razão de que ela:

[...] pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga, a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação, isto é, não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão (MORAES, 2003, p. 191).

Para isso, há a necessidade, de acordo com os propósitos desta pesquisa, da análise de várias manchetes de notícias que apresentem o mesmo teor, configurando uma pesquisa de perspectiva documental.

Normalmente, as pesquisas possuem duas categorias de estratégias de coleta de dados: a primeira refere-se ao local onde os dados são coletados (estratégia-local) e, neste item, há duas possibilidades: campo ou laboratório. [...] A segunda estratégia refere-se à fonte dos dados: documental ou campo. Sempre que uma pesquisa se utiliza apenas de fontes documentais (livros, revistas, documentos legais, arquivos em mídia eletrônica, diz-se que a pesquisa possui estratégia documental (APPOLINÁRIO, 2009, p. 85).

A pesquisa documental é semelhante à pesquisa bibliográfica. No entanto, o que distingue essas duas modalidades é que a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o mesmo tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias.

O processo de coleta de dados ocorreu entre os meses de abril e agosto de 2019. Essa coleta foi desenvolvida por meio de celular e todos os dias, durante esses meses, foi observada a rede social *Facebook* e as divulgações dos jornais *online* para que fosse possível ter uma quantidade expressiva para análise da questão-problema.

O primeiro momento foi catalogar todas as publicações de jornais *online* relacionadas ao crime de feminicídio e, sempre que ocorria uma publicação correspondente ao caso, independente do horário, eles eram capturados e armazenados para uma possível utilização na análise. Além disso, foi desenvolvida a estratégia de seguir mais páginas de jornais *online* para que houvesse mais chances de conseguir essas informações.

O segundo momento foi definir a maneira a se analisar as capturas de tela e, a partir desse momento, começou a ocorrer o processo de escolhas das notícias que tivessem relação com a proposta de abordagem do trabalho. Durante esse período cogitou-se a ideia de a abordagem corresponder ao campo das sentenças interrogativas, mas verificou-se a necessidade de reformulação, pois foi observado que esse tipo de construção não renderia uma quantidade aceitável para o tratamento dessas informações, já que houve poucas ocorrências dessas construções. Por isso, optou-se pela escolha das construções lexicais, visto que as ocorrências eram, notoriamente, mais recorrentes que a primeira tentativa. As Figuras 2 e 3 ilustram dois casos de manchetes coletadas.

Figuras 2 e 3 – Exemplos do *corpus*

Figura 2 – Manchete 2



Figura 3 – Manchete 3



Fonte: Extraído do *corpus*, 2019.

A coleta sistemática das manchetes conduziu a uma amostra composta de 41 exemplos. Esses exemplos estão dispostos ao longo da escrita do artigo e subsidiam a análise realizada na seção seguinte.

Apresentação dos Resultados

O meio virtual modificou as formas de interações humanas, em que suas temporalidades são influenciadas pelas trocas aceleradas dos fluxos de informações. O fato de ser “desterritorializado”, como mostra Lévy (1999), comprova que esse ambiente não apresenta barreiras para estabelecer as trocas de compartilhamentos de ideias, comentários ou até mesmo informações. Isso, hoje, rege a forma de como a sociedade vive, se expressa e interage.

Desses laços interacionais, a princípio carregados de uma individualidade conforme ressalta Recuero (2009), aos poucos ganha o coletivo em seus processos cognitivos onde todos são autores ou leitores nesse meio. Dentro dessas novas configurações, os gêneros textuais ganham outras formas e ambientes para circularem e, devido a isso, suas construções, também, ganham novos arranjos como forma de se estabelecerem.

Com esses novos gêneros, os canais de informações remodelam-se, já que suas interações não são mais desenvolvidas por meio do leitor tendo de ir comprar a notícia, mas dos *clicks* que ele realiza. Com isso, quanto mais chamativa a manchete, conseqüentemente, mais acessos esse jornal poderá ter.

Por se tratar de um gênero que permeia e relata os fatos sociais, supõe-se que o autor apresenta cautela em suas articulações de ideias para que haja o respeito e o reconhecimento do leitor com a informação veiculada, pois, segundo Lubenow (2011, p. 63) "Todas as morais se movimentam em torno dos princípios relativos à igualdade de tratamento, à solidariedade e ao bem-estar geral. Estas são as noções fundamentais que se reportam às condições de simetria e às expectativas de reciprocidade da ação comunicativa."

Entretanto, observa-se um certo descaso no que diz respeito às escolhas lexicais nos casos de feminicídio, como pode ser observado na Figura 4.

Figura 4 – Manchete 4

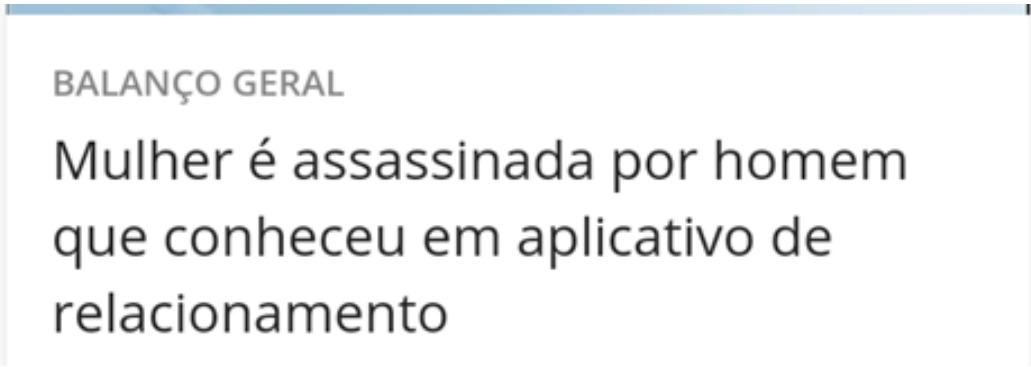


DIARIOONLINE.COM.BR
"Crush" enlouquece e confessa: "matei porque ela não queria me namorar"

Fonte: Extraído do *corpus*, 2019.

Nessa imagem, verifica-se que a escolha do item lexical *crush* – no sentido figurado representa um sentimento de intensa paixão por alguém – acaba suavizando o ato de loucura repentina do criminoso que usa de uma justificativa banal para tentar *dar sentido* a um ato totalmente abominável. Em um país que é o quinto no *ranking* de violência contra a mulher, justificar a impulsividade do homem devido a uma *paixão avassaladora* significa ignorar o art. 5º da Constituição Federal que garante igualdade a todos, mas, principalmente, assegura o direito à liberdade. Além do efeito relativizador da manchete, essa construção não contribui em nada para a luta contra a violência à mulher. Outro exemplo está contido na Figura 5.

Figura 5 – Manchete 5



BALANÇO GERAL
Mulher é assassinada por homem que conheceu em aplicativo de relacionamento

Fonte: Extraído do *corpus*, 2019.

É sabido, por fatores históricos, que a mulher era tratada como um ser subserviente ao homem – sendo ele pai, irmão ou marido – e que, por isso, dependia dele para autorizar determinadas tarefas. Durante muito tempo, a mulher foi vista como um objeto que deveria servir, inicialmente ao pai e, após o casamento, ao marido. Com o matrimônio, a mulher deveria manter-se fiel ao seu cônjuge, e o ato sexual era somente para a procriação. Vivia-se uma

moralidade dúbia, pois era reivindicado a fidelidade da esposa, entretanto, era naturalizada a infidelidade do marido.

Ao analisar essa manchete, é como se, nas entrelinhas, estivessem elencados os fatores históricos de submissão e julgamento da mulher pela busca da independência, pois, com as escolhas lexicais, enfatiza-se mais o fato de ela ter procurado um parceiro na internet do que o crime em si. Essa construção pode insinuar que a culpa do crime foi dela, pelo fato de ter tentado buscar um relacionamento na internet.

Desta forma, o processo de escolhas lexicais realizado pelos articulistas e jornalistas privilegia muito mais o fato de amenizar o dolo cometido do que o fato vivido pela vítima em si. Essa característica possibilita aos grandes jornais e sítios eletrônicos de notícias atrair um público cada vez mais interessado em leituras do gênero.

A sequência de capturas de tela na Figura 6 ilustra como alguns casos de feminicídio são veiculados.

Figura 6 – Manchete 6



Fonte: Extraído do *corpus*, 2019.

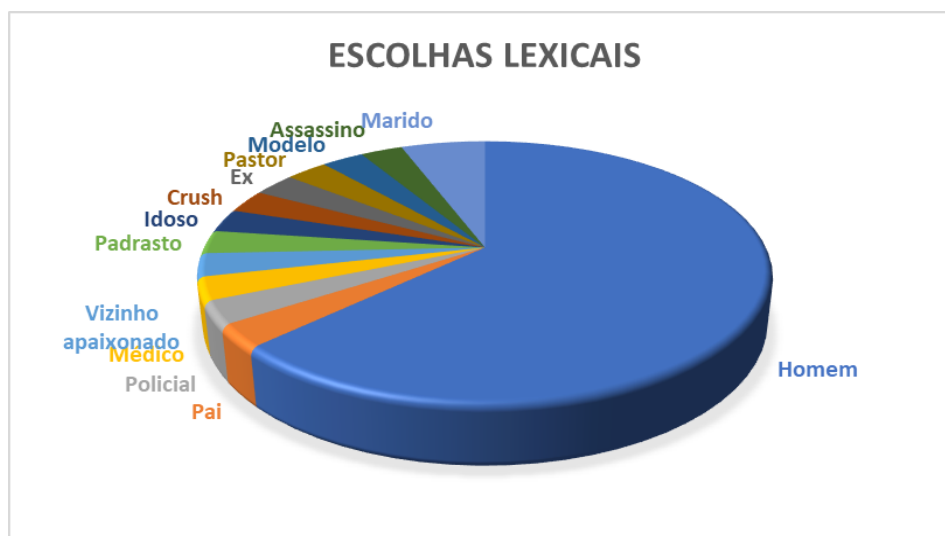
O conjunto de fatos ordenados na Figura 6 mostra como as mulheres, em diferentes situações cotidianas, são vítimas de feminicídio. Nos casos listados, todas foram vitimadas sob a mesma *justificativa* para seus assassinatos, a *não aceitação do término do relacionamento*. As escolhas lexicais de quem elaborou as notícias colocam em evidência, em primeiro plano, a identidade multifacetada de quem cometeu o delito, porém, os termos escolhidos amenizam o fato narrado. Percebe-se que as denominações

‘homem’ e ‘jovem’, dispostas no primeiro plano do sintagma, sofrem um esvaziamento de seu sentido denotativo e assumem um valor impessoal, eximindo a categoria do sexo masculino dos atos cometidos.

Abordar o caso como se fosse algo fruto de uma insatisfação é banalizar uma atrocidade, um crime. Embora haja uma lei de proteção à mulher, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em parceria com o Sistema de Informações sobre Mortalidade e o Ministério da Saúde, no Atlas da Violência, ficou evidente um aumento nos homicídios de mulheres em 2017. Além disso, é acrescida a desigualdade social relacionada a esse tipo de crime. Os sentidos da construção dessas quatro manchetes deveriam constar a violabilidade da vida da mulher, e não um respaldo para algo injustificável.

Dos casos listados neste trabalho, foi feito o levantamento de quais unidades lexicais foram mais utilizadas para referenciar o autor do delito, como ilustra o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Escolhas lexicais para nomear o agressor



Fonte: Elaboração dos autores.

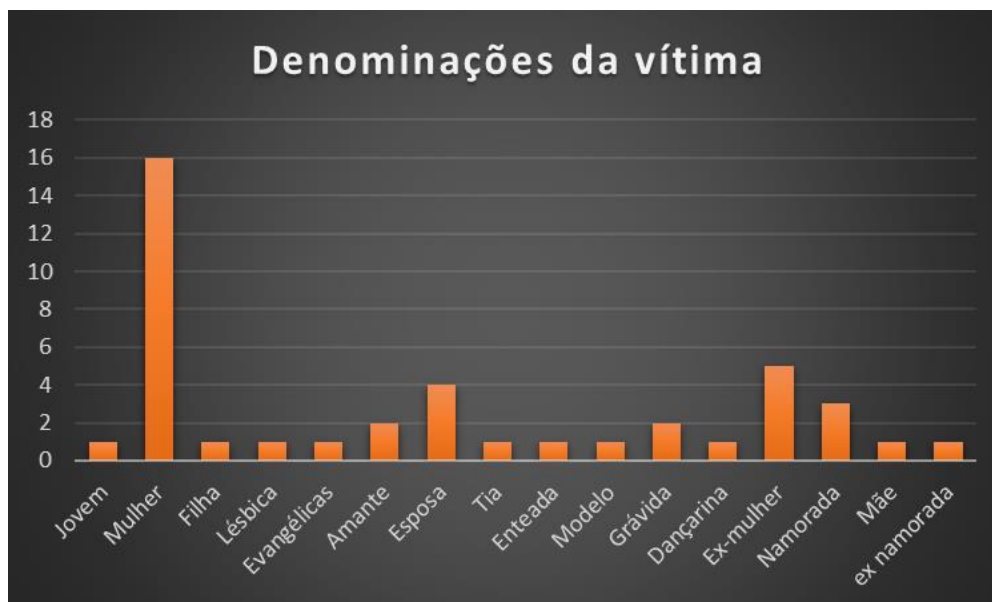
O Gráfico 1 mostra as denominações encontradas no *corpus* para o indivíduo responsável por cometer o crime: *homem*, *pai*, *padrasto*, *policial*, *médico*, *vizinho apaixonado*, *idoso*, *crush*, *ex*, *pastor*, *marido* e *assassino*. Dentre as 41 capturas de tela coletadas, o termo ‘homem’ foi usado 22 vezes pelos elaboradores das manchetes veiculadas, o que reforça a ideia exposta na seção teórica de que há um esvaziamento do valor negativo do ato quando se

opta por um item lexical neutro. As demais denominações aconteceram apenas uma vez, com exceção do termo 'marido', tendo ocorrido 2 vezes.

Ainda no que diz respeito às escolhas lexicais operadas por quem elabora as notícias, observa-se que, em meio a tantos crimes de feminicídios praticados, apenas uma vez o termo 'assassino' foi citado. O sentido negativo que essa unidade veicula tende a ser evitado nas manchetes, pelo menos no *corpus* sob análise, quando a vítima se trata de uma mulher.

A disposição dessas formas léxicas dentro dos exemplos analisados mostra que a ênfase, geralmente dada ao elemento que ocupa o primeiro espaço da cadeia sintagmática, é feita com o termo 'homem' posto em evidência, cabendo à 'mulher', outras denominações, são elas:

Gráfico 2 – Denominações das vítimas



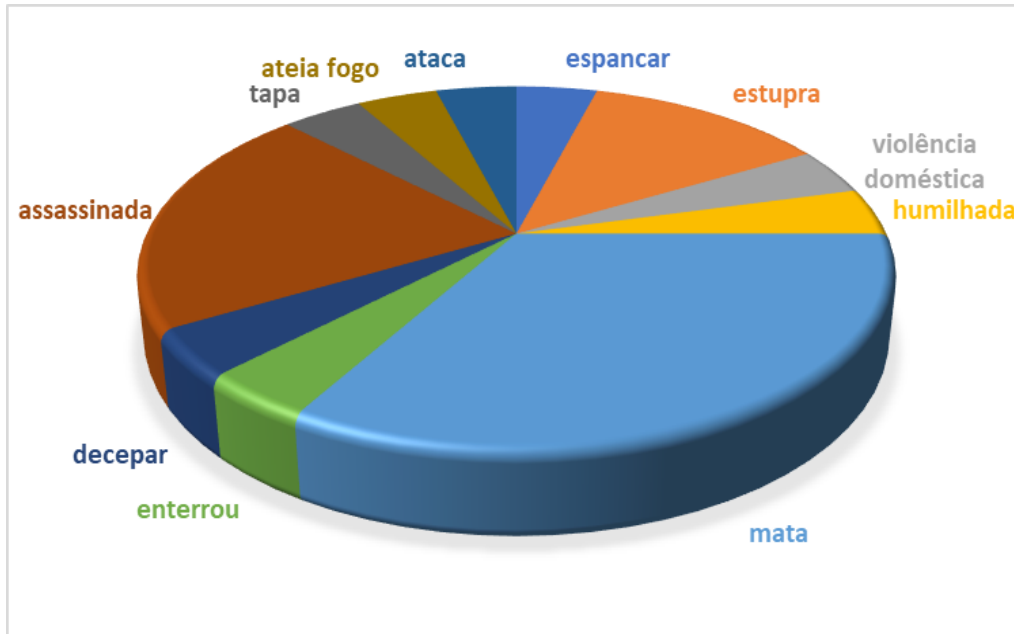
Fonte: Elaboração dos autores.

Assim como aconteceu com o termo 'homem' para denominar o agressor, o Gráfico 2 mostra que a unidade lexical 'mulher' foi a mais recorrente para se referir à vítima de feminicídio. Acompanhada de mais 15 nomenclaturas: *jovem, filha, lésbica, evangélicas, amante, esposa, tia, enteada, modelo, grávida, dançarina, ex-mulher, namorada, mãe e ex-namorada*, percebe-se que a violência sofrida independe da condição social, econômica, religiosa, amorosa e até parental das mulheres que perderam suas vidas.

O parâmetro lexical utilizado compõe campos semânticos que mostram a condição dessas mulheres no contexto de realização do ato criminoso. Desta

forma, a fim de verificar como essas *esposas, amantes, filhas, enteadas, tias*, dentre outras denominações tiveram suas vidas tomadas por sentimentos “sempre justificáveis”, elencou-se o modo como esse fato aconteceu no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Tipologia do crime



Fonte: Elaboração dos autores.

O Gráfico 3 evidencia a escala do crime sofrido, a maneira como as vítimas passaram pelo feminicídio. Há casos em que a mulher foi *humilhada, levou tapas, foi espancada, atacada e morta*. Nos casos mais hediondos, ela sofreu para ser *morta, sendo estuprada, atacada, ateadada fogo, decepada, enterrada viva* ou simplesmente, *assassinada*, como noticia a maioria das manchetes. As escolhas lexicais relacionadas na amostra possibilitam eleger o caráter machista de algumas ocorrências, uma vez que transferem para a mulher a culpabilidade do ato sofrido, sendo o homem que *mata*, a mais comum.

Em suma, os articulistas dos jornais analisados, a partir das escolhas lexicais operadas, conseguem amenizar, relativizar a maldade do ato praticado em casos de feminicídio. Para tanto, o uso recorrente dos termos ‘homem’, no sentido de esvaziamento da significação da própria unidade lexical e ‘mulher’, a vítima, são mais frequentes na amostra coletada.

Ademais, o ambiente da internet possibilita a circulação de diferentes comentários daqueles que interagem na grande rede, em alguns casos camuflados em falsos perfis, como aponta Lévy (1999). As relações estabelecidas mostram que a mulher tem sido vítima de todo tipo de violência e os casos contra ela só têm aumentado.

Considerações Finais

O objetivo desta investigação consistiu basicamente em realizar o levantamento de manchetes de jornais *online* com o intuito de verificar se as escolhas lexicais feitas pelos articulistas desses jornais operam mecanismos que amenizam ou relativizam a condição do agressor nos casos de feminicídios.

A amostra constituída conduziu aos perfis lexicais mais utilizados na esfera dos textos postados. Dentre as características principais, percebe-se a tentativa de neutralização do delito a partir de nomenclaturas mais isentas linguisticamente. Por tratar-se de uma investigação inédita, os resultados se restringem, ainda, à composição do *corpus*, mas, pela manipulação operada durante esse processo, já demonstram haver um processo construído de relativização.

O aporte teórico utilizado mostrou o caminho da construção do eu nos enunciados, muitas vezes cheios de juízo de valor e desvalorização da vida da mulher. Por circularem em redes sociais diversas, essas informações são cada vez mais consumidas por internautas ávidos por notícias, sem que haja a preocupação, em alguns casos, de considerar o verdadeiro papel da mulher na sociedade. Os direitos que lhes são tomados, a liberdade de poder circular livremente, e o mais caro de todos eles, a perda da própria vida.

Estudos posteriores podem aferir o grau dessas escolhas em um contexto diferente do atual.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2009.

- ARAGÃO, M. do S. S. de. A fraseologia como marca do léxico regional popular. In: COSTA, Daniela de S.S; BENÇAL, Dayme R. (orgs.) **Nos caminhos do léxico**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2016.
- ARAGÃO, M. do S. S. de. Falares nordestinos: aspectos socioculturais. In: **Acta Semiótica et Lingvistica**, V. 25 N. 1 (2020). Disponível em: www.periodicos.ufpb.br/actas. Acesso em 19 out 2020.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Os gêneros do discurso. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. Lei 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm. Acesso em 21 jun. 2020.
- BIDERMAN, M. T. C. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de hoje**. Porto Alegre, PUCRS, v. 22, n. 4, p. 81-96, dez. 1987.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. **Filologia e Lingüística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998.
- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Versão eletrônica produzida pelo Coletivo Periferia, 2003.
- KRIEGER, M. G. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, M. C. T. C. de. (org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- KRIEGER, M. G. Heterogeneidade e dinamismo do léxico: impactos sobre a lexicografia. **Confluência**. Rio de Janeiro, n. 46. 1.º semestre de 2014.
- LÉVY, Pierre. **O Que é Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LUBENOW, Jorge Adriano. Sobre o método do discurso prático na fundamentação da ética do discurso de Jürgen Habermas. In: **Cadernos do Pet Filosofia**, Teresina, v.2, n.3, p. 57-70, jan 2011. Disponível em: <https://ojs.ufpi.br/index.php/pet/article/view/583/543>. Acesso em 02 dez 2019.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.
- MEIRELES, C. **O romanceiro da Inconfidência**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2005.
- MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. In: **Ciência & Educação**. v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

RADFORD, J.; RUSSEL, D. **Femicide**: The Politics of Woman Killing. New York, Twayne Publisher, 1992. Disponível em: <http://www.dianarussell.com.femicide%28small%29.pdf>. Acesso em 19 out 2020.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SEABRA, M. C. T. C. de. (org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

ZAVAGLIA, C. Dicionário e cores. In: **Revista ALFA**. São Paulo, v. 50, n. 2, p. 2541, 2006.

Recebido em: 24-10-2020

Aprovado em: 18-12-2020